

**ATA SUMÁRIA DA 6ª REUNIÃO ORDINÁRIA DO COMITÊ DE INVESTIMENTO 2021  
INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DOS SERVIDORES PUBLICOS DO MUNICIPIO DE QUATIS/RJ**

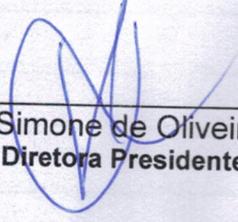
**A, HORA E LOCAL:** Em 01 de Julho de 2021, às 09h, na sede do Quatisprev, situado na Rua Cel. Cisco Balbi, 275, nesta cidade. **MEMBROS PARTICIPANTES:** Katia Simone de Oliveira – Presidente do QUATISPREV; Grasielle Cristina de Oliveira Salazar da Mata Guimarães – Diretora de Administração e Finanças do QUATIS PREV; Marcus Vinícius Mattos Águiar – Membro do Comitê de Investimento deste Instituto **PAUTA:** 1) Saldo Financeiro; 2) Apresentação do Relatório Análítico dos Investimentos em Junho de 2021; 3) Sugestão de Relocação para Julho e Agosto até a próxima reunião; **ASSUNTOS TRATADOS:** A reunião foi presidida pela Responsável pelo QUATISPREV, a diretora presidente Katia Simone de Oliveira que iniciou cumprimentando a todos os presentes, passando ao primeiro tópico da pauta: Saldo do Instituto no final do mês de Junho no Valor de R\$ 45.579.985,84 e disponibilizou em mãos o Relatório Análítico dos Investimentos da carteira consolidada de investimentos – base (Junho/2021), 2º enquadramento na resolução 3.922/2010, 2/2014 e política de investimento – base (Junho/2021), 3º Retorno dos investimentos de renda fixa benchmark's (Junho/2021); 4º Distribuição dos ativos por administradores e sub-segmentos – base (Junho/2021); 5º Retorno e meta atuarial acumulados no ano de 2021, 6º Gráficos ilustrado de evolução patrimonial e indicadores, 7º Retorno dos investimentos após as movimentações (aplicações e resgates) no mês de (Junho/2021)– renda fixa, 8º Retorno dos investimentos após as movimentações (aplicação e resgate) no mês de (Junho/2021) – renda variável; **CONSIDERAÇÕES:** Após a leitura e discursão do relatório, passou a apresentar o cenário mundial: No cenário nacional após o fim do mês de maio e o início do mês de junho consolidou o bom momento do nosso mercado financeiro, onde os dados preliminares da atividade econômica que mostravam que o 1º trimestre de 2021 havia sido melhor que o antecipado, foi confirmado pela divulgação do PIB pelo IBGE. A leitura da economia brasileira se mostrou resiliente perante a segunda onda de Covid, apesar de um número de óbitos superior a primeira onda, além de se favorecer no mercado de commodities, devido ao preço no mercado internacional, levando em consideração a importância desse setor na economia brasileira. Devido a esse boom das commodities no mercado internacional, o Brasil deve trabalhar para fechar as contas externas (registros de todas as transações do Brasil com o resto do mundo) superávit após 14 anos, levando o resultado de 2021 ao primeiro superávit desde 2007. A partir desse cenário, as perspectivas de crescimento do país vindo sendo revisada semana após semana para cima, o que de fato vem favorecendo o mercado de renda variável, sendo antecipado no nosso mercado acionário, espelho da nossa economia real. A bolsa de valores atingiu patamares recordes nas últimas sessões, cravando os 130.000 pontos, na alta de 3,63% na primeira semana do mês, onde a demanda enfraquecida levou o foco para o cenário externo, que vive um momento de recuperação econômica acelerada, aumentando a propensão ao risco. Outro ponto positivo evidenciado na primeira semana, foi em relação a arrecadação federal, onde a aceleração da inflação no curto prazo, está gerando um benefício fiscal para o Brasil, devido a arrecadação estar acelerando mais rápido que a despesa nesse momento. Paulo Guedes declarou em live promovida pelo Ministério da Economia que acredita que os brasileiros estão lutando para manter os sinais vitais da economia. Mais do que isso, a economia já se reativando, estamos acelerando com as vacinas. O Brasil está indo agora em poucos meses para a produção local de vacinas, completa no Brasil, e estamos aumentando as importações de todos os tipos de vacinas". Como o câmbio é uma variável sensível a todos esses fatores econômicos citados, o ambiente externo positivo aliado a melhora da perspectiva fiscal, ainda no curto prazo, vem favorecendo o real, que tem experimentado uma valorização mais expressiva, chegando em maio com 4% de valorização. Nos pontos de atenção, os desgastes políticos seguem como um dos principais fatores de oscilação, aliado a preocupação com a inflação e todos os impactos decorrentes da pandemia no Brasil. A segunda semana do mês foi marcada pela divulgação dos dados de inflação, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, onde ambos apresentaram uma alta nos índices inflacionários acima das expectativas de mercado, fortalecendo a discussão sobre a normalização da política monetária. A normalização de maneira total da política monetária significaria aumentar a taxa de juros a patamares que zere o estímulo, a estimativa é algo em torno de 6,5% ao ano no Brasil. Discussão que eleva as expectativas para a próxima reunião do Copom, que decidirá o aumento da taxa e comunicará os próximos passos acerca da política monetária. O IPCA divulgado na semana veio acima das expectativas de mercado, avançando 0,83% em maio, de acordo com o IBGE, o resultado é o maior em 25 anos, onde o item que pesou mais sobre o indicador mensal foi o preço da energia elétrica, que subiu 5,25%. Se por um lado a inflação vem sendo um dos principais temas de preocupação, a atividade econômica vem surpreendendo positivamente, sendo revisada semana após semana para cima, levando em consideração outros pontos que favorecem o crescimento econômico,

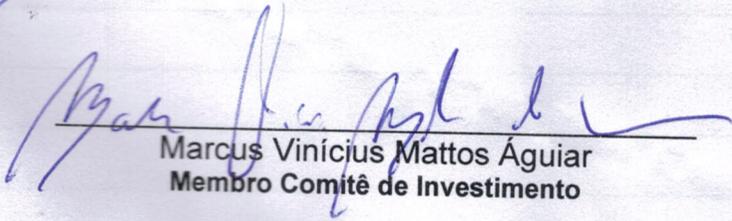
elevando o bom humor dos investidores. Em relação aos mercados, a bolsa se manteve estável na segunda semana, próxima ao patamar recorde anteriormente atingido, 130.000 pontos, com o dólar oscilando em torno dos R\$5,05. Devido a agenda mais enfraquecida e sustentada pelos acontecimentos das semanas anteriores, que evidenciaram um bom momento nos mercados para os investidores. Durante o mês, o Copom, através do Banco central, elevou a taxa de juros em 0,75%, chegando a 4,25%, com perspectiva de fechamento de 6,50% para o final do ano, o que fecharia o ciclo de alta da taxa em um patamar que zeraria os estímulos monetários. O tom do comunicado foi bem diferente do último, desta vez, ficou mais claro a normalização total da política monetária ao longo do ano, com isso o Banco Central utiliza das ferramentas que dispõe para acomodar a inflação de volta ao centro da meta em 2022. De todo modo, o nosso mercado que sofre pressão dos dois lados, tanto positivas, quanto negativas, e espera um gatinho mais expressivo para deslanchar, entretanto permanecemos na semana próxima ao patamar histórico alcançado. Durante a última semana do mês, os investidores ficaram atentos a Ata do Copom, que foi divulgada na quarta-feira (24). A ata mostrou que o comitê está mais ainda mais atento em relação a inflação do que no último comunicado, o que já havia sinalizado um ajuste total da política monetária. O BC está de atento a deterioração do quadro fiscal brasileiro e o possível racionamento da energia elétrica, devido ao possível risco inflacionário e o provável atraso na recuperação econômica que esses pontos podem proporcionar. Outro ponto de atenção durante a semana, foi em relação a entrega do texto da reforma tributária, que eleva e antecipa as discussões acerca de alguns ativos de risco aqui no Brasil, o principal ponto que mereceu atenção com os mercados foi em relação ao imposto sobre os dividendos. A política monetária contracionista implementada pelo Banco Central segue possibilitando uma valorização do real frente ao dólar, a taxa de câmbio já acumulou alta de 6% somente em junho. • INTERNACIONAL No mercado internacional, o otimismo vem sendo reflexo no processo de vacinação em alta e do dispêndio fiscal fazendo efeito, levando as principais economias, principalmente os Estados Unidos, a uma recuperação econômica mais robusta. Em resumo, os mercados globais surfam de um bom momento econômico no mês, mas sem tirar os olhos da inflação e na escassez de alguns produtos, devido a incapacidade da oferta em acompanhar a demanda, que de certa forma foi criada a partir de um estímulo governamental. Nos Estados Unidos, a divulgação do CPI, o índice de preço norte americano, foi um dos pontos chave do mês, devido a aceleração constante da inflação por lá, em maio o índice subiu 0,6% ante a alta alcançando 5% na comparação anual. Com o processo de imunização acelerado, não só nos Estados Unidos, mas como em diversas regiões do mundo, a Covid-19 vem recuando e possibilitando uma perspectiva de desenvolvimento econômico mais acelerado em âmbito global. A chave para tal fase são as vacinas, que em parceria com a União Europeia, Joe Biden anunciou uma ação humanitária onde cada nação irá comprar 500 milhões de doses contra a Covid-19, destinadas para 100 países de baixa renda, como reflexo, o apetite ao risco global, se mantém. O teor do comunicado emitido pelo Fomc (Federal Open Market Committee) o Comitê Federal de Mercado Aberto, sinalizou a propensão de um endurecimento da política monetária para conter a inflação antes do anteriormente previsto. Apesar do comunicado impactar diretamente os ativos de risco em todo o mundo, derrubando a maioria dos indicadores durante a semana, por sinalizar um possível fim para o excesso de liquidez por lá, o crescimento americano deve continuar a dar o tom dos mercados pelos próximos meses. O Fomc manteve a taxa de juros entre 0 e 0,25% e o ritmo de compra de títulos nos patamares atuais. O fato que mantém positiva as perspectivas de para o Real, que vem se valorizando frente ao dólar no curto prazo, nos últimos dois meses, o Real já se valorizou 8,20%. A discussão em relação a inflação seguiu latente durante todo o mês, diferente do Brasil, que possui um histórico inflacionário negativo, o tema é de certa forma novidade em grande parte dos países desenvolvidos, e o processo de recuperação mais robusto alimenta a discussão. Alguns dirigentes se pronunciaram em relação ao atual momento americano, mostrando uma nítida divergência de opinião em relação ao andamento da política monetária por lá, gerando volatilidade nos mercados. Os mercados Asiáticos repercutiram as decisões dos mercados Ocidentais em relação a taxa de juros, em principal a decisão do Fed. O Banco Central Japonês manteve a taxa de juros, sinalizou a extensão dos empréstimos para as empresas afetadas pela pandemia e adicionou uma linha de crédito voltada às mudanças climáticas. Na Europa as bolsas derraparam ao final da semana, de olho nos Bancos Centrais, indicadores econômicos, oferta de vacina, tendo em vista que já se projeta uma desaceleração no ritmo de vacinação Europeia. Em paralelo, mas não menos importante, a variante DELTA do Covid-19 vem trazendo um ambiente de aversão devido ao aumento do número de casos em algumas economias desenvolvidas. Em resumo, no mês, o Dow Jones recuou 1,94%, o S&P 500 subiu 2,22% e o Nasdaq subiu 5,49%, aqui. Em relação com a pandemia do Covid-19, o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, Tedros Adhanom, demonstrou bastante preocupação com a "rápida transmissão entre populações".

não vacinadas" causada pela variante Delta do coronavírus, que já foi identificada na Índia e já está em mais de 90 países. Mesmo com o avanço da variante delta, os indicadores de desempenho, em sua grande maioria vindo acima do esperado nos grandes centros econômicos, tem influenciado os investidores a se expor, favorecendo a alta nos mercados. PERSPECTIVA O principal ponto de atenção para o próximo mês ainda segue sendo as preocupações em âmbito global em relação a política monetária, principalmente a norte-americana. Além dos pontos recorrentes em relação a pandemia, onde a vacinação segue sendo o desafio para as economias, e a variante Delta o principal motivador para atrasar a retomada econômica. Um ponto de atenção é em relação a crise hídrica que passamos, principalmente devido a sua contribuição para a aceleração da inflação, uma vez que os reservatórios estão em baixa, e devido ao seu peso de importância não estar sendo contabilizado nas previsões do PIB, podendo ser um ponto de susto para os próximos períodos. As expectativas positivas em relação ao Brasil, passam por um processo de imunização mais eficiente. Teremos agora que acompanhar as decisões do Bancos Centrais em relação a política monetária, que indica seguir com medidas contracionistas, tendo em vista o plano de vacinação em prática, a aceleração da inflação e os estímulos que seguem sendo despejados na economia. Os dados indicam uma pressão no curto prazo nos preços ao consumidor amplo e isto pode levar o Banco Central a intensificar as discussões sobre o ritmo das reformas. Podendo se esperar mais mudanças na taxa de juros no futuro próximo, como já é adiantado no relatório semanal do Banco central. 10 de 11 A partir disso, teremos que avaliar o andamento de reformas e em qual intensidade será elaborada, agora com a Câmara e Senado definido. Devemos observar também o processo de imunização da população brasileira com novas vacinas podendo entrar no plano inicial e agora com possível produção nacional com a ButantanVac. A preocupação com o quadro fiscal, o grave endividamento e teto de gastos, restando apenas esperar que o acordado seja respeitado, caso o desajuste fiscal aconteça, além de gerar desconfiança dos investidores estrangeiros, geraria um aumento inesperado e brusco na taxa de juros, por esse motivo, e do risco Brasil, fato que seria prejudicial para a o momento atual da economia. Situação que o Brasil vem tentando evitar ao longo dos últimos anos, reconquistar os investidores estrangeiros, a partir de um quadro fiscal mais bem elaborado, uma agenda de reformas estruturais, que ocasionalmente levaria o Brasil a um controle maior sobre as receitas e gastos governamentais. Apesar de todas as oscilações de mercado, as expectativas seguem sendo o plano de vacinação contra a Covid-19 e toda a pauta de reforma que segue sem definição pelo governo. O mais recomendado para o atual momento é a cautela ao assumir posições mais arriscadas no curto prazo, a volatilidade nos mercados deve se manter sem ainda a desenhar um horizonte claro, em razão principalmente pelo nosso cenário político. Mantemos nossa recomendação de adotar cautela nos investimentos e acompanhamento diário dos mercados e estratégias. Mantemos a sugestão para que os recursos necessários para fazer frente às despesas correntes sejam resgatados dos investimentos menos voláteis (CDI, IRF-M1, IDKa IPCA 2A). Para o IMA-B que é formado por títulos públicos indexados à inflação medida pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), que são as NTN-Bs (Notas do Tesouro Nacional – Série B ou Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais), não estamos recomendando o aporte no segmento, com a estratégia de alocação em 5%, sendo indicado para os RPPS que possuem porcentagem igual ou maior, aos que possuem porcentagem inferior a 5%, recomendamos a não movimentação no segmento. Para aqueles que enxergam uma oportunidade de investir recursos a preços mais baratos, municie-se das informações necessárias para subsidiar a tomada da decisão. Estas informações apresentadas encontram-se no relatório enviado pela consultoria de investimento deste instituto. Diante destas expectativas até a apresentada a recomendação é para tomar decisões com cautela para que não ocorra perdas decorrentes da desvalorização dos investimentos sem possibilidades de recuperação na retomada dos mercados. A Diretora Presidente informou sobre a visita do Bradesco ao instituto e solicitou análise do fundo de investimento: BRADESCO S&P 500 MAIS FI MULTIMERCADO e com o relatório da consultoria de investimento em mãos trouxe a este comitê para análise apreciação: Regulamento - O fundo buscará atingir seu objetivo através de estratégias de investimento baseadas na aplicação de seus recursos diretamente em ativos, e/ou indiretamente, por meio de cotas de fundos de investimento, ou ainda pela utilização de instrumentos derivativos, no Brasil, em busca de retorno superior à variação do índice S&P 500® em pontos. Composição da Carteira 31/05/2021 - Títulos Federais (92,12% do PL); Operação compromissada (7,45% do PL); Derivativos (0,27% do PL); Valores a Pagar/Receber (0,17% do PL); Rentabilidade: A rentabilidade do fundo se apresenta em linha com o indicador de desempenho (S&P 500), na maioria dos períodos analisados. Taxa de Administração: Está em linha com as práticas de mercado para fundos com estratégia semelhante. O fundo também possui taxa de performance correspondente a 20% sobre a rentabilidade que excede a 100% da variação do

cotação do Índice Standard and Poors 500 (S&P 500®) em pontos, e cobrada após a dedução de todas as despesas, inclusive a taxa de administração. Risco: Os principais riscos ao qual o fundo incorre estão diretamente relacionados à mercado. Enquadramento: O regulamento do fundo está enquadrado quanto ao estabelecido no Artigo 8º, Inciso III da Resolução CMN nº 3.922/2010 e suas alterações, não havendo, portanto, impedimento em receber aportes pelo RPPS (regulamento nº 30/jun/2016). Na avaliação temos o parecer de que a política de investimentos do RPPS elaborada para o exercício de 2021 permite alocação máxima no limite superior de até 10% em fundos enquadrados no Artigo 8º, Inciso III da Resolução CMN 3.922/2010 e alterações. Atualmente a carteira apresenta 9,26% (base Maio /2021), havendo margem para novos investimentos até o limite superior de R\$ 336.115,00. Dado o PL do FUNDO (base Maio /2021) e o possível investimento do RPPS, há suporte de até R\$ 13.268.888,90 para novos investimentos no FUNDO. Atualmente, o RPPS não tem investimentos neste fundo, onde possui aproximadamente 3,56% de carteira em fundos com estratégias semelhantes (Multimercado Exterior). Fundos com investimento em empresas estrangeiras podem ser uma boa opção no caso de uma carteira já diversificada em empresas brasileiras, podendo buscar rentabilidade em uma economia alternativa. Aplicações neste segmento devem complementar o portfólio do RPPS, diminuindo a correlação de fundos concentrados em empresas nacionais, assim também, mitigando o risco da carteira. Diante da análise dos fundamentos do fundo e do contexto do mesmo na carteira do RPPS, sugerimos o aporte no fundo e a exposição em uma economia alternativa em razão do RPPS possuir exposição principalmente em fundos que buscam rentabilidade de acordo com a economia doméstica. Caso o RPPS opte pelo investimento, recomendamos que os recursos sejam resgatados do segmento de longo prazo. A administradora/gestora cumpre os requisitos exigidos na lista exaustiva das instituições que atendem as novas condições estabelecidas na Resolução CMN nº 4695 de novembro de 2018, disposto no Artigo 15, § 2º, Inciso I, portanto, o fundo está apto para receber aportes do RPPS. Na opção de realizar o investimento, o administrador e gestor do fundo deverão estar credenciados, em obediência aos requisitos da Resolução CMN nº 3.922/10, Artigo 1º, § 1º, Inciso VI, e § 3º, Portaria MPS 519/2011 e alterações, considerados aptos pelo órgão colegiado competente do RPPS. E após a leitura e apreciação das características dos fundos passaram a deliberar sobre a aprovação deste ficando o fundo considerado aprovado para aplicação. A Diretora passou então ao item de realocação prevista para este mês e aprovada na reunião anterior do fundo BB AÇÕES VALOR FIC AÇÕES o valor de R\$ 1.000.000,00, cujo o resgate de D+33 irá cair neste mês. Após análise da carteira de investimento e a proposta do novo fundo de investimento do Bradesco a aplicação será nos fundos: SICREDI TAXA SELFIC FIC RENDA FIXA LP o valor de R\$ 200.000,00; BRADESCO S&P 500 MAIS FI MULTIMERCADO o valor de R\$ 600.000,00 e MULTINVEST FI AÇÕES o valor de R\$ 200.000,00. Os repasses do mês serão aplicados nos fundos SICREDI MULTIMERCADO BOLSA AMERICANA e SICREDI TAXA SELIC FIC RENDA FIXA LP. A Diretora presidente informou também sobre a situação do CRP do Instituto e a reunião com o prefeito para que seja enviado os comprovantes de pagamento referente a NAF ° 609/2015 e o parcelamento do restante o valor a ser pago. Sem mais a tratar eu Grasielle Cristina de Oliveira Salazar da Mata Guimarães – Diretora de Administração e Finanças do QUATIS PREV e membro deste comitê, assino a presente ata e pelos demais presentes.

  
Grasielle C. de O. S. da M. Guimarães  
Diretora Adm. Financeira

  
Katia Simone de Oliveira  
Diretora Presidente

  
Marcus Vinícius Mattos Águiar  
Membro Comitê de Investimento